Rosa dos ventos

MAURICIO DIAS

O novo é sempre velho

▶ O Congresso saído das eleições será mais reacionário do que o anterior. Talvez rivalize com aquele nascido do golpe de 1964

"O temor pelo futuro da democracia brasileira é choro de perdedores"
(Do vice-presidente eleito, general Hamilton Mourão, que, em setembro, ainda na ativa, ameaçava com a intromissão dos militares no processo político)

A renovação do Congresso, propiciada pela eleição de Jair Bolsonaro, é uma falácia. A situação, ao se falar nisso, piora ainda mais quando a referência é a possibilidade de ser implantada no País uma "nova política", tentando excluir o fracasso da "Nova República", registrado já faz tempo.

Nova aqui, nova ali, e tudo continuará como sempre. Ou seja, velho.

É costume no País juntar a fome com a vontade de comer. Um exemplo: parte da mídia da disposição de cultivar o vitorioso.

O Congresso, por sua vez, estará mais próximo de Jair Bolsonaro. Ou seja, mais reacionário. Talvez, mais maluco. Tudo depende dos faniquitos truculentos do senhor presidente.

Obviamente, o "Centrão" voltará à cena, com sua tendência à corrupção. Não será também corrupto?

Machado gostava de assistir às sessões do Senado

MARC FERREZ, MARCELO CAMARGO/ABR E ADRIANA LORETE

No Congresso, o jogo, posto nas mãos do PSL sustentado por Bolsonaro, não fica de pé sem coligações. A base política sairá do MDB, PSD, PSDB e DEM. Todos eles emagreceram com a eleição. Perderam votos preciosos e, em razão disso, o poder no Congresso. O que farão para manter a eleição municipal de 2020 sem dinheiro? Mágica? Há quem afirme que este é o Congresso mais reacionário desde os tempos em que foi parido pelo golpe de 1964. E foi do Senado que partiu, então, a manobra da articulação entre civis e militares.

Ulysses Guimarães, um dos mais influentes políticos dos anos 70, 80 e 90 do século passado, nunca deixou de apontar a tragédia. Quando perguntado se o novo Congresso seria melhor, ele respondia categoricamente. "Será pior".

Talvez não imaginasse que as coisas pioraram ainda mais na sua ausência e certamente que a Constituição nascida sob seu comando seria impiedosamente rasgada pelo golpe de 2016. O enredo é sempre o mesmo. Quem for buscar o novo dará com a cara, quase sempre, no velho.

Machado de Assis, exímio comentarista político, frequentava os debates no Senado. E gostava. Os tempos eram outros, reinavam o decoro e a lida correta com o vernáculo.

Hoje, os usos e costumes também são outros. Os problemas não nascem e tampouco nasceram da política. Vêm da própria sociedade e dos seus maus hábitos emergem na política em pandarecos.

Nesta enfadonha história chega-se à conclusão de que é preciso mudar o eleitor. •

•CCRosa1028ok.indd 8 01/11/18 14:11

Onyx tem problemas com a Lava Jato, mas...

Presidência e Previdência

Faltou Bolsonaro incluir no discurso o combate à corrupção, uma das bases da campanha dele.
Deu uma aliviada para o deputado Onyx Lorenzoni, futuro chefe do Gabinete Civil, que tem problemas com a Lava Jato.

Promete mexer rapidamente na reforma da Previdência, prevista para este ano, ainda no governo Temer.

Vai ter de resistir à pressão dos militares.

A força do WhatsApp

A tevê já não resolve sozinha a decisão do eleitor. Foi forçada a abrir espaço para o WhatsApp. A velocidade vai influir cada vez mais nos institutos de pesquisas e diminuir no caso das eleições.

Alguns fatos, debates e comentários serão agora os primeiros a formar opinião e, na sequência, construir o voto até a reta final. A abrangência do WhatsApp, entre outras razões pessoais, não alcança os 11 milhões de votos daqueles brasileiros ainda sem telefone.

Esta é a visão de Carlos Augusto Montenegro, presidente do Ibope.

O reitor e a polícia

Consta que Pedro Calmon, legendário reitor da Faculdade de Direito da Universidade do Brasil, hoje UFRJ, certa vez, durante a ditadura militar, deu uma lição capaz de evitar a entrada da polícia naquela instituição.

Calmon falou: "Aqui, esses beleguins de tropa militar não entram. Entrar em universidade só através do vestibular".

Esta situação se aproxima daquela ocorrida em 30 universidades, recentemente invadidas por policiais, com o objetivo de impedir debates políticos entre estudantes durante as eleições.

Alerta

Em entrevista na televisão, o presidente eleito Jair Bolsonaro mostrou o ódio que tem contra os movimentos sociais. Assim ele justifica, na agenda de violência, o uso de armas de fogo pelos civis.

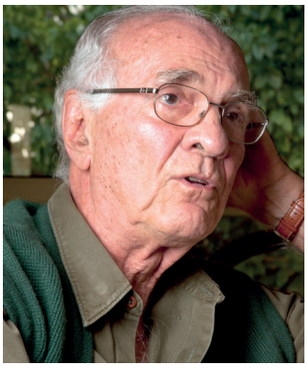
Cuidem-se, entre outros, o MST e o MTST.

O joio e o trigo

Neste momento oportuno, o ex-senador Saturnino Braga lembra da sua contemporaneidade na política com alguns militares.

"Convivi com o general Ernesto Geisel; convivi mais com o general Euler Bentes, com os coronéis Raposo e Dickson; e mesmo com o general Hugo Abreu. Não eram, obviamente, socialistas como eu, mas eram profundamente nacionalistas, plenamente conscientes das interferências imperialistas, sufocadoras da nossa soberania e negativas para o nosso desenvolvimento."

Esta é uma das diferenças entre uns e outros.


Ele recorda os militares nacionalistas

"Nós e eles"

Alguns panacas de academia decidiram agora botar em Lula a responsabilidade pela divisão do Brasil. De fato, ele usa essa referência com frequência. Talvez porque, bem cedo, tenha percebido que o País está dividido entre pobres e ricos.

mauriciodias@cartacapital.com.br

•CCRosa1028ok.indd 9 01/11/18 14:11